

Autor in fabula: **Fernando Pessoa contista**

Jorge Uribe*

PESSOA, Fernando (2015). *A Estrada do Esquecimento e outros contos*. Edição de Ana Maria Freitas. Lisboa: Assírio & Alvim. 254 pp.

____ (2012). *O Mendigo e outros contos*. Edição de Ana Maria Freitas. Lisboa: Assírio & Alvim. 143 pp.

A faceta de ficcionista ou contista de Fernando Pessoa tem recebido, comparativamente com outras, menor atenção por parte dos leitores, nomeadamente dos críticos e editores. Não é comum que Pessoa seja identificado como um potencial contista com maior assertividade que como crítico ou como dramaturgo. Essa falta de atenção tem raízes num desconhecimento muito aprofundado de um corpus textual classificável sob esse género, junto com a falta de discussão acerca dos limites da categoria conto ou ficção aplicada à escrita pessoana.

A principal justificativa para esse estado das coisas poderia ser que boa parte da produção pessoana que caberia na denominação contos ou ficções breves se encontra no espólio em estado marcadamente inacabado e muito disperso, pelo que é possível que alguns editores não a tenham considerado matéria publicável, sobretudo antes de 1988. Isto é substancialmente diferente da consideração dada a outras partes da obra, embora estas também existam em estados marcadamente inconclusivos, como por exemplo muitas das páginas de esboços de ensaios ou artigos críticos que já foram reunidas, em mais do que um volume, como conjuntos de prosa crítica desde 1946 (cf. *Páginas de Doutrina Estética*). Quiçá, a diferença no trato crítico e editorial se deva também a uma noção de unidade e/ou autossuficiência que o leitor pode esperar que seja mais robusta respeito ao género conto do que em outros géneros, o que dificulta a comercialização das edições de textos muito fragmentários sob essa etiqueta. Em qualquer caso, a falta de visibilidade dos materiais associados a ficções curtas ou contos no espólio pessoano constitui uma lacuna editorial a ser preenchida, já que a variedade dos títulos que o autor projetou durante a sua vida e a produção que chegou a legar à posteridade nesse âmbito interessa não só por si mesma, mas também pelas suas implicações sobre a leitura de outras partes da obra, mais familiares a todos os leitores.

* Universidade de São Paulo (USP), bolsista de pós-doutorado PNPd/CAPES.

A mais importante exceção nessa lacuna editorial é o trabalho de Ana Maria Freitas, que nos últimos anos se tem empenhado em dar a conhecer ao público o Pessoa ficcionista. Este trabalho teve um desenvolvimento significativo em 2008, com a publicação de *Quaresma, Decifrador. As novelas policiárias* (Pessoa, 2008a), um avultado volume que apresentou um conjunto de novelas detectivescas inacabadas, todas elas parte de uma mesma série, visibilizando um aspeto amplamente desconhecido da produção escrita de Fernando Pessoa e das suas preferências de leitura. Apesar disso, talvez pela especificidade do subgénero, seria difícil para os leitores, tendo unicamente como referência esse volume, entender o lugar de relevância da faceta de ficcionista com relação ao todo da obra pessoana, ainda que essa denominação se manifeste muito oportuna para descrever o particular conceito pessoano de labor autoral num sentido lato, e a sua utilização permitiria abrir um debate sobre categorizações e hibridações de géneros literários, constantemente em crise na escrita de Pessoa.

Mais recentemente, Freitas tem preparado edições de carácter antológico de textos classificáveis como contos, sem delimitá-las a uma única subcategoria ou subgénero capaz de contê-los a todos. Dessa decisão decorre a não especificidade dos títulos *O Mendigo e outros contos* e *A Estrada do Esquecimento e outros contos*. O primeiro volume reúne doze ficções inconclusas, cinco das quais completamente inéditas, presumivelmente elaboradas por Pessoa entre 1909 e 1920, segundo defende a editora, embora a apresentação cronológica das mesmas não tenha sido assumida na edição. Na introdução, são apresentados argumentos que sustentam a parcial datação dos textos e é assinalado o modo como temáticas e recursos da arquitetura textual resultam transversais ao conjunto; por exemplo, são frequentes as especulações de carácter filosófico, nas quais uma personagem insuspeitada (um mendigo em “O Mendigo”, um eremita em “O Eremita da Serra Negra”, um bêbado em “Num Bar de Londres”, ou um presumível marinheiro em “A Perversão do Longe”), assume a exposição de um grandiloquente discurso instrutivo (Pessoa, 2012: 12). Procurando tecer pontes com outras partes da obra, Freitas afirma que nesse volume se trata sobretudo de “contos estáticos”, nos quais: “não existe conflito, nem sentimentos capazes de produzir uma acção, mas sim um processo de revelação das almas através das palavras trocadas” (Pessoa, 2012: 11). Esta descrição, que evoca diretamente os dramas pessoanos, dos quais *O Marinheiro* é um exemplo paradigmático, é um apelo para uma leitura participativa que transita por diversos géneros dentro da mesma obra. Este apelo, sugerido pela editora, estende a possível relevância dos textos editados, e note-se, ainda, que a descrição “revelação das almas através das palavras trocadas” é também uma possível descrição da dinâmica de acumulação textual com a qual Pessoa imaginou, e até certo ponto realizou, a publicação das suas obras heterónimas, num enleio onde cada individualidade se manifesta a partir de uma caracterização dramática do conjunto, encenando o chamado “drama em gente”.

O segundo volume, *A Estrada do Esquecimento e outros contos*, se apresenta como continuação do mesmo esforço editorial, embora não constitua uma sequência lógica do volume anterior. O título reúne vinte novas ficções consideravelmente fragmentárias – dezasseis das quais completamente inéditas até à data –, mas que ilustram, com maior clareza que o volume anterior, a diversidade da produção pessoana dentro da categoria ficcionista, ao mesmo tempo que permitem dilucidar alguns precursores para vários dos conceitos de narrativa cultivados pelo autor. Nesse volume reaparecem especulações filosóficas semelhantes às aquelas reunidas em *O Mendigo e outros contos*, como, por exemplo, “Uma Tarde Clerical” ou “A Perda do Hiato Nada”, mas também surgem textos que mais claramente correspondem a uma linha de desenvolvimento narrativo que teve como precursores Edgar A. Poe, O’Henry e Ambrose Bierce, todos autores que fizeram parte dos projetos de tradução pessoanos, sendo que os dois primeiros chegaram efetivamente a ser publicados em tradução nas páginas da revista *Athena*. Nessa linha, o conto intitulado “Uma Carta da Argentina” resulta de especial interesse ao apresentar alguns aspetos que podem ser relacionados com peculiaridades do estilo da carta de Pessoa a Casais Monteiro de 13 de Janeiro de 1935. No conto redigido por volta de 1914-1915 (cf. PESSOA, 2015: 12) um homem, que assassinou a sua mulher, explica a sua incomum visão da realidade, incluindo, sem que venha ao caso contar o seu crime, diversas considerações sobre o revelar-se a si próprio por meio da escrita e sobre o efeito que espera provocar em quem o lê. Ainda, o conto “O Vencedor do Tempo”, faz um reconhecimento explícito a H. G. Wells e oferece uma amostra de um Pessoa autor de ficção científica com algumas possíveis intuições de grande interesse.

Todos os textos publicados por Freitas são produto de uma cuidadosa leitura dos manuscritos e documentos autógrafos, sustentada por um conhecimento esmiuçado do espólio em termos abrangentes. Este conhecimento permitiu a reunião de componentes dispersos na atual arrumação dos papéis pessoanos, editados junto de listas de projetos e planos de desenvolvimento de alguns títulos, que oferecem um vislumbre do modo como Pessoa anteviu a publicação dos mesmos, mudando de parecer compulsivamente como era seu vício. Como assinala a editora: “[...] a planificação projectada não apresenta uma estabilidade organizativa” (PESSOA, 2015: 6), o que quer dizer que a adequação entre planos e desenvolvimentos identificados no espólio é relevante, mas não definitiva, sendo trabalho altamente interventivo do editor (re)construir continuidades a partir de indícios conflituantes. Como também assinala Freitas, alguns dos títulos reunidos possuem características comuns, dentre as quais a provisória subordinação a nomes de autores ficcionais tais como Pero Botelho, Vicente Guedes ou Bernardo Soares (cf. PESSOA, 2012: 8-11; 2015: 9-10). Porém, essa subordinação se apresenta instável, ocasional e desnaturalizada, visto que os títulos mudam de nomes de autor em diferentes ocorrências ou aparecem sem

nenhuma adjudicação, resultando inadequado fixar esse aspeto como padrão centralizante para uma organização dos textos. Como indica Freitas: “Nos contos de Fernando Pessoa, a atribuição a figuras criadas para a função de autores [...] é passageira e circunscrita no tempo. Depois de criados, os *alter-egos* são abandonados e os títulos dos contos transitam e evoluem, de projecto em projecto” (PESSOA, 2015: 15). Resulta de interesse discutir se esta afirmação poderia não ser válida unicamente no marco dos contos pessoanos e caracterizar, em termos gerais, a transitoriedade e funcionalidade da atribuição autoral na obra pessoana, e é uma das maiores virtudes das edições sob análise oferecer ferramentas e materiais para dita discussão.

O trabalho de Freitas constitui um alicerce fundamental para o melhor conhecimento tanto da faceta de ficcionista de Fernando Pessoa como da constitutiva interligação do complexo tecido que é a sua obra em termos abrangentes. O esforço é inaugural e por isso alguns aspetos poderão vir a ser reconsiderados em novas empreitadas editoriais à volta do mesmo corpus ou que persigam o objetivo de aprofundar ainda mais a faceta ficcionista de Pessoa. Isto sem mencionar as possíveis melhoras na leitura dos manuscritos pessoanos ou o acrescento de documentos pertencentes a algum conjunto antes editado. A datação sugerida por Freitas para alguns dos elementos reunidos, embora muito limitada, não deixa de ser de extrema relevância, porque é na compreensão de que algumas ficções são contemporâneas e implicativas da produção de outros textos pessoanos, que estes esboços inconclusivos ganham continuidade de significação numa leitura de maior fôlego. Em modo de exemplo, refira-se que “O Mendigo” é constituído por fragmentos de lições de um mestre insuspeitado, que expõem os fundamentos intelectuais de um olhar transcendentalista sobre a realidade, com múltiplos pontos de encontro com a *Weltanschauung* de Alberto Caeiro, ainda que por via contrária, sendo transcendentalista e não objetivista. Na sua edição, Freitas assinala que um dos fragmentos de “O Mendigo” se encontra num caderno datável de 1915 (PESSOA, 2012: 12) e, embora deixe a questão sem desenvolvimento, sugere que alguns papéis timbrados da firma Lima Mayer & Perfeito Magalhães, usados tanto na elaboração do conto “Num Bar de Londres” como em “O Mendigo” (cf. BNP/E3 27³F-11 e 12), apontam para uma data de elaboração mais próxima de 1913. Isto sugere um marco temporal para estabelecer o possível período de desenvolvimento de ambas ficções, fazendo-as contemporâneas da desvinculação de Pessoa da Renascença Portuguesa, da revista *A Águia* e de Teixeira de Pascoaes, e ainda da passagem para a configuração das obras de Caeiro, Campos e Reis. Na mesma linha, a elaboração de “A Perversão do Longe”, assinalada pela editora como sendo próxima de 1913, outorga uma relevância particular à linguagem ultra-simbolista que caracteriza essa narrativa e a aproxima de um momento fundamental da correspondência de Pessoa com Sá-Carneiro. Assim, a voz de um marinheiro entediado da viagem dos corpos pelo espaço geográfico sugere um

estágio de desenvolvimento temático do que mais tarde seria o contraste entre o *Opiário* e a *Ode Marítima* de Álvaro de Campos.

Nas edições aqui consideradas, o esforço de datação e projeção de interligações se limita a algumas das ficções editadas, e o exercício de associação no panorama mais abrangente de interconexões da obra é feito com uma cautela talvez excessiva. A organização cronológica, ou então a procura de assertividade a esse respeito, embora se mantenha dentro da especulação argumentativa, é um aspecto que poderia oferecer maior projeção ao esforço realizado em ambos volumes, facilitando ao leitor a possibilidade de transitar pela obra pessoana na sua evolução constante, característica do que Freitas afirma ser “[...] a fragmentariedade e a incompletude de uma obra sempre em progressão” (2015: 5). A cuidadosa análise das continuidades e sobreposições, que permitem localizar – no sentido de dar lugar – a um texto dentro de uma obra que opera como uma vasta rede de relações textuais, contribui na proposta de translação e tradução das particularidades dos autógrafos pessoanos, da contiguidade instável do espólio para a forma livro. Além disso, essas informações também poderão ajudar na melhor avaliação da inclusão dos textos em determinados conjuntos, precisamente na medida em que permitem tomar decisões informadas sobre determinados períodos de escrita nos quais os projetos tiveram vigência, sublinhando a sua adjacência com relação a outros projetos, alguns dos quais relativos a um contexto literário que excede o estritamente pessoano.

Neste sentido, e sem pretender diminuir o valor e importância das edições de Freitas, que certamente constituem o melhor e mais completo esforço feito até agora de ocupar-se de uma parte da obra pessoana de grande relevância que se achava quase completamente negligenciada, é importante assinalar que uma das ficções incluídas no volume *A Estrada do Esquecimento e outros contos* não pertence à categoria ficções pessoanas. Trata-se do título “O que fazia o bem”, que é em realidade uma tradução do poema em prosa “The Doer of Good”, redigido originalmente por Oscar Wilde (cf. WILDE, 1909: 210-211), do qual Pessoa projetou a publicação em português, junto com os restantes *Prose Poems* de Wilde. Até agora se conheciam quatro de seis dessas traduções, publicadas, em 2008 por Richard Zenith (2008). Portanto, fica agora em falta a identificação no espólio de um último poema em prosa de Wilde para verificar que Pessoa efetivamente concluiu dita tarefa. Esse acidente do critério inclusivo da antologia de Freitas tem um precedente que sublinha o tipo de dificuldades enfrentadas pelos editores pessoanos, mas que ao mesmo tempo enfatiza um aspecto relevante da obra como rede de relações intertextuais: numa edição de 2008 do *Livro do Desassossego*, Teresa Sobral Cunha incluiu como trecho do mesmo o começo de uma tradução pessoana do *De Profundis* de Wilde (PESSOA, 2008b: 234).

Os acidentes de inclusão equivocada são mais comuns do que se pensa na história das edições de Pessoa e servem sobretudo para alertar os responsáveis por

edições futuras e aos leitores. Contudo, neste caso o erro de inclusão veio melhorar, embora acidentalmente, um esforço editorial anterior: o da publicação das traduções pessoais dos *Poemas em Prosa* de Wilde, que tinha ficado incompleto e que agora se encontra menos incompleto, situação que talvez descreve com honestidade todo o esforço de conhecimento da obra pessoal a que podemos aspirar.

Bibliografia

- PESSOA, Fernando (2015). *A Estrada Esquecimento e outros contos*. Edição de Ana Maria Freitas. Lisboa: Assírio & Alvim.
- ____ (2012). *O Mendigo e outros contos*. Edição de Ana Maria Freitas. Lisboa: Assírio & Alvim.
- ____ (2008a). *Quaresma, Decifrador. As novelas policiárias*. Edição de Ana Maria Freitas. Lisboa: Assírio & Alvim.
- ____ (2008b). *Livro do Desassossego*. Edição de Teresa Sobral Cunha. Lisboa: Relógio d'Água.
- ____ (1946). *Páginas de Doutrina Estética*. Seleção, prefácio e notas de Jorge de Sena. Lisboa: Inquérito.
- WILDE, Oscar (1909). *Lord Arthur Savile's Crime and Other Prose Pieces*. Leipzig: Bernhard Tauchnitz. [Exemplar da Biblioteca Particular de Fernando Pessoa 8-584].
- ZENITH, Richard (2008). "A importância de não ser Oscar? Pessoa tradutor de Wilde", in *Egoísta*, número especial, Casino de Lisboa, Junho, pp. 32-47.